



O impossível de dizer e sua identificação com o registro do real em três fases do ensino de Lacan

Felipe Cordeiro Alves¹

Resumo: Este trabalho aborda a temática do indizível a partir de três períodos distintos do ensino de Lacan, a fase estruturalista, os quatro discursos e a fase topológica. Tal percurso intenta apresentar as considerações que a teoria lacaniana pode oferecer para a temática do indizível, termo que contrai a definição de impossível de dizer nessa vertente da psicanálise. O exame por essas três fases da obra do psicanalista francês tem como objetivo apresentar o desenvolvimento da ideia de que o impossível de dizer apresenta uma função estruturante que organiza aquilo que pode ser dito. Para sustentá-lo, recorreu-se à aproximação do impossível de dizer com o registro do real. O saldo dessa reflexão permitiu especificar a definição do indizível como participante daquilo que não cessa de não se inscrever no campo da nominação e do impasse estruturante em torno do qual a simbolização se engendra.

Palavras-chave: Real. Lacan. Indizível. Impossível.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o indizível a partir da perspectiva lacaniana, identificando-o como versão do real impossível, que contrai nessa acepção a formulação do impossível de dizer. O real é em Lacan um elemento constituinte da realidade e o núcleo duro da condição humana, porém esse registro assumiu diferentes acepções durante o desenvolvimento da obra desse pensador. Este trabalho apresenta três dessas etapas, o estruturalismo, a teoria dos discursos e a fase topológica, a partir das diferentes acepções contraídas pelo impossível de dizer.

Todos períodos abordados apresentam como aspecto comum a participação do impossível como constituinte da trama simbólica, do laço social e das consistências que enodam o sujeito, o que lega à consideração sobre o impossível de dizer a consequência da solidariedade entre exprimível e inexprimível. O percurso apresentado intenta demonstrar a perenidade no ensino lacaniano do fato estrutural da função organizadora das condições limite da expressividade, condição para a qual as próprias teorizações de Lacan são demonstrativas.

¹ Mestre em Psicologia pela UFMG na área de concentração de estudos psicanalíticos (2021).

A tentativa de tangenciamento do inefável suscitou a elaboração de teorizações amplas, tais como as que serão aqui abordadas, que desdobraram os conceitos fundamentais da psicanálise para além da tradicional metapsicologia e tendências psicologizantes que sucederam a Freud. Lacan radicaliza a premissa freudiana de rejeitar qualquer conteudística ou psicologia profunda da alma, concedendo centralidade ao limite da linguagem, aos impossíveis e furos na arquitetura subjacente à experiência humana. A reflexão proposta explora essa característica do pensamento de Lacan, situando o impossível de dizer como limite que retroativamente determina as condições de possibilidade do dito a partir dos três modelos teóricos apresentados.

1 SITUANDO O REAL COMO REGISTRO DA REALIDADE

O ensino de Lacan pode ser compreendido em sentido amplo como a exploração das implicações da concepção dos três registros, excetuando um curto momento de proposição de um quarto nó (BOUSSEYROUX, 2014), como elementos que enlaçados compõem o tecido da realidade, situam o sujeito e as condições de possibilidade de sua experiência. Na proposição do RSI, real, simbólico e imaginário, Lacan introduz o simbólico como mediador para a dualidade entre a realidade, então identificada com o real, e a ficção, associada ao imaginário.

Esse novo termo, o simbólico, apresenta uma ordem própria, estranha à intencionalidade e evadida do causalismo natural, sendo mobilizável pelo recurso ficcional, como capaz de intervir sobre a realidade, esquematizando-a e simbolizando-a. A introdução do simbólico é decisiva para a vertente lacaniana da psicanálise na medida em que os fenômenos do inconsciente têm por base efeitos da ordem simbólica. A esse respeito, Lacan declara, “mantenho-me, pois, na ordem que isolei do simbólico, ao inscrever nela o que acontece com o inconsciente, para ali buscar a referência de meu discurso atual”. (LACAN, 1973/2003, p.473).

Com a introdução do simbólico, os registros por ele mediados são reposicionados, de modo que o real é deslocado da realidade objetiva para uma externalidade da trama simbólica e o imaginário assume fundamentalmente o domínio das consistências, seja dos objetos, do espaço e do próprio corpo. Vanier sumariza os três registros afirmando que:

O *Simbólico* retorna simultaneamente à linguagem e à função compreendida por Lévi-Strauss como aquela que organiza a troca no interior dos grupos sociais; o *Imaginário* designa a relação com a imagem do semelhante e com o “corpo próprio”; o *Real*, que deve ser distinguido da realidade, é um efeito do Simbólico: o que o Simbólico expulsa, instaurando-se.” (VANIER, 2000, p.16).

A introdução do simbólico também produz uma significativa consequência epistemológica, pois os três registros são situados como domínios cuja relação produz a realidade e não mais instâncias identificadas com ela, como no caso do real, e externas, como pode ser assumido sobre o imaginário sem a consideração do simbólico. Interessa para essa reflexão

sobre o impossível de dizer as interações entre real e simbólico, em que a ordem simbólica se instaura sobre o real, cedendo ao último simultaneamente a condição de resto e causa.

2 O IMPOSSÍVEL DE DIZER NA FASE ESTRUTURALISTA

Lacan identifica o simbólico como o registro “por onde se constitui o ser humano enquanto tal” (LACAN, 1953-1954/1986, p.183), concepção que lega a consequência de não haver para o humano uma realidade que preceda o domínio discursivo, marcado pela linguagem. Apesar da impossibilidade de uma realidade pré-discursiva, o real permanece como domínio opaco à dinâmica da trama simbólica, permanecendo como efeito de inércia, retorno e repetição, enquanto o imaginário cristaliza algumas relações entre significantes, detendo a secessão de sua série e estabilizando seu efeito de sentido.

O período estruturalista, que tomaremos como compreendido entre 1953 e 1963, é o momento do ensino de Lacan no qual é possível supor uma primazia do simbólico, considerando o destaque que o psicanalista concede a esse registro. Por meio desse modelo, o impossível de dizer assume o estatuto de limite da trama simbólica, ou seja, uma palavra que remete a um significante não só não dito, mas que não se pode dizer.

A versão do estruturalismo desenvolvida por Lacan toma a linguagem como base da condição humana, porém a versão desse domínio identificado com o simbólico é inspirada na linguística estrutural, que tem como premissas, o privilégio da sincronia, arbitrariedade do signo e a autonomia de seu sistema estrutural (VITRAL, 2010). A herança dessas premissas estabelece um problema de origens, pois ainda que se admita que os seres humanos não nasceram na linguagem, não é admissível suposição originária para seu engendramento. Lacan situa esse problema nos seguintes termos:

Pensem na origem da linguagem. Nós imaginamos que há um momento em que se deve ter começado a falar nesta terra. Admitimos, pois, que houve uma emergência. Mas a partir do momento em que esta emergência é apreendida na sua própria estrutura, fica absolutamente impossível especular sobre aquilo que a precedeu, a não ser intermédio de símbolos que sempre puderam ser aplicados (LACAN, 1954-1955, p.12).

Esse impasse sobre a origem da linguagem se estende para seu engendramento em cada sujeito, pois a reconstituição de origem, do mesmo modo que para os grupos humanos, deverá recorrer à mesma linguagem para estabelecer seu contexto de origem. Lacan encontra saída para essa aporia sustentando que a pergunta pelas origens é efeito do significante e da condição do ser falante, de modo que é apenas como seres imersos na linguagem que os humanos empreendem interrogações sobre seus eventos originários.

O passo decisivo que completa a proposta lacaniana de resolução dessa problemática reside na admissão de que a ideia de causa, elemento implícito na pergunta sobre as origens,

está entre os efeitos da linguagem, porém sua resposta não se alinha com as hipóteses lançadas pelos sujeitos, mas com os restos da introdução na linguagem (FARIA, 2015). Nesse desenvolvimento, o real passa de resto da operação de simbolização do mundo subjetivo para, ainda como resto, causa retroativa dos acontecimentos dirigidos pela ordem simbólica.

Nesse modelo, podemos situar o indizível como participante do resto não simbolizável da linguagem, porém como ponto cego a partir do qual todo o dizer e a série significantes que o conduz são engendrados. Contudo, o impossível de dizer, como não simbolizável, não pode ser dito ou representável, ao mesmo tempo, por não apresentar signo que o represente, não participa dos deslocamentos de sentido e relatividade de posições do significante.

Tal como para o objeto do desejo, podemos utilizar a notação “a” para tratarmos do indizível. Seu estatuto se alterará a depender do ponto de vista que escolhermos adotar, pois do ponto de vista sincrônico, o indizível é inerte e opaco à simbolização, enquanto do ponto de vista diacrônico, esse limítrofe se situará em diferentes regiões. O impossível de dizer, causa uma forma de dizer e situa o limite de um discurso, de modo que diferentes formas de expressão pressupõem diferentes impossíveis. A metáfora elegível para demonstrar essa condição é a diferença entre línguas, na qual por vezes encontramos termos em determinada língua que não apresentam equivalentes em outras. O próximo tópico, dedicado aos discursos desdobrará essa questão.

3 OS QUATRO DISCURSOS

Entre 1969 e 1970, Lacan propõe os quatro discursos, formalizações que pretendiam apreender as unidades mais básicas do laço social. A notação dos discursos apresenta quatro lugares, o agente, o outro, a produção e a verdade (Figura 1). Esses lugares são ocupados pelos termos do significante (S1), (S2), o sujeito (\$) e o objeto (a).

		S1
<u>O agente</u>	<u>O Outro</u>	S2
A verdade	A produção	\$
		a

Figura 1. Os lugares do discurso e seus componentes segundo Lacan (1969-1970/1998)

Dessa formalização Lacan extrai quatro variantes básicas, os discursos do mestre, do universitário, da histórica e do analista (Figura 2). Cada um deles extrai uma forma fundamental de laço social, sendo a do mestre a mais antiga e discurso do analista, criado por Freud, a mais recente invenção.

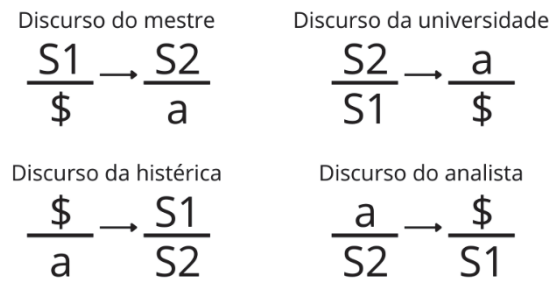


Figura 2. Os quatro discursos segundo Lacan (1969-1970/1998)

Cada um desses discursos tem uma atividade em vista, sendo três deles relacionados a ofícios entendidos como impossibilidades. O discurso do mestre está ligado à atividade de governar, o discurso da universidade se associa à função de educar ou ensinar e o do analista, naturalmente, ao analisar. Já o discurso da histórica tem como atividade e impossível o fazer desejar (ALMEIDA, 2009).

Estamos novamente diante dos impossíveis, agora de modo direto, como estruturantes dos modelos teóricos de Lacan. Diferentemente do que podemos observar na fase estrutural, onde os impossíveis têm o estatuto de resto na primazia do simbólico, nos discursos eles são a atividade fim e limite em torno do qual os discursos se articulam. Contudo, cabe uma consideração ao transpormos o que foi apresentado sobre os discursos para a reflexão sobre o indizível.

Os discursos propostos por Lacan podem ser mais precisamente apreendidos se tomados como práticas discursivas, ou seja, performances que incluem ou não a discursividade em sentido estrito, mas que de forma anterior à circulação da palavra delimitam as posições de cada agente diante do outro, bem como o que esse comporta de verdade e lega como produção. A esse respeito, Lacan afirma:

Os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem em seguida alojar-se neles. Assim, posso me dizer, a propósito desse fenômeno embriagador chamado tomar a palavra, que certas demarcações do discurso nas quais isto se insere seriam talvez de tal natureza que, vez por outra, não se a toma sem saber o que se está fazendo (LACAN, 1969-1970/1998, p.159).

Nesse momento de seu ensino, Lacan explicita repercussões da introdução do humano na linguagem, fazendo entrever que não é a introdução da palavra que inaugura a linguagem, mas o regime do significante, cuja articulação celebra a emergência do discurso. Com a emergência do discurso, temos o aparecimento das palavras, agora condicionadas por uma prática discursiva. É a partir desse enquadre anterior que podemos depreender o discurso e

o significante de um dito, pois sua emergência, articulação e limites se expressam sob essas condicionantes.

Desdobrando essa conclusão, temos que os discursos regem o exercício do dizer que por vezes revela sua estrutura subjacente. Assim, a prática da palavra contrai limitações a depender de qual discurso a orienta. Tomaremos como exemplar o caso do discurso do mestre, no qual não há palavra de ordem que permita integral e absolutamente governar. Na perspectiva dos discursos, o governo sempre será uma prática deficitária, porém possível no enlace entre as práticas discursivas de governantes e governados.

Seguindo a estrutura do discurso do mestre, em todo governo ocorre uma condição antitética na qual o governante intenta negar sua condição de sujeito dividido, ao mesmo tempo que sua governabilidade depende da divisão subjetiva de seus governados. O estado de coisas estabelecido pelo discurso do mestre interdita a palavra plena sobre esses dois pontos na medida em que é impossível dizer algo nesse contexto que situe o governante como sujeito dividido, ao mesmo tempo que não é possível estabelecer uma palavra de ordem que o torne plenamente governante.

Tomemos o contraste dessa situação com o discurso do analista, onde o impossível de dizer está em estabelecer uma palavra que permita efetiva e plenamente analisar, enquanto em situações não raras no interior da transferência é possível ao analista se fazer governante e efetivamente governar seu analisante. Dentre as tendências manejadas pelo analista está o convite à posição de mestre, efeito que figura como vertente comum da produção do discurso do analista (S1). O contexto de transferência entre analista e analisante induz, sobretudo em situações iniciáticas, que os significantes-mestres produzidos se agarrem à pessoa do analista, fenômeno que o prosseguimento da análise dilui no bom termo do emprego da técnica.

O mesmo analista também atinge o fazer desejar, meta e impossibilidade no discurso da histórica. São célebres os casos de transferência erótica e erotomania que, novamente na observância do bom termo de aplicação da técnica analítica, são diluídos na condução do tratamento. Por outro lado, Freud (1912-1913) descreve reis e outros autocratas como grandes curadores episódicos que, por meio de suas palavras e gestos, desfaziam afecções neuróticas por efeito do fascínio ambivalente que seu poder e eminência exerciam sobre os súditos.

Com essas considerações, é findado o percurso sobre a segunda construção de Lacan proposta para este trabalho. Com a consideração dessas teorizações, foi possível refletir sobre o impossível de dizer a partir de suas relações com a linguagem e alteridade. Novamente e de forma mais enfática, o inefável aparece como corolário do impossível estruturante, quadro que foi radicalizado nos anos posteriores do ensino lacaniano e será objeto do próximo tópico.

4 A FASE TOPOLÓGICA

Por fim, abordaremos a fase topológica e suas repercussões sobre o impossível de dizer. Estabelecer uma cronologia para a primazia da topologia em Lacan é uma tarefa difícil e necessariamente arbitrária, pois as considerações explícitas sobre topologia estão presentes

desde o início de seu ensino. Contudo, é a partir da primeira metade da década de 70 que as considerações topológicas assumem o primeiro plano e ocupam o lugar dos esquemas e referências teóricos desposados nos anos anteriores.

É conveniente para a reflexão sobre o impossível de dizer a permanência da formulação do real como impossível nessa fase. Será a partir dessa invariância no ensino lacaniano que serão tecidas considerações sobre a fase topológica de seu ensino. Sobre a identificação do real com o impossível, o psicanalista afirma:

Falo do real como impossível na medida em que creio justamente que o real- enfim, *creio*, se esse é meu sintoma, digam-me -, e preciso dizê-lo bem, o real é sem lei. O verdadeiro real implica a ausência de lei. O real não tem ordem. E o que quero dizer dizendo que a única coisa que chegarei talvez um dia a articular diante de vocês é alguma coisa concernente ao que chamei de um pedaço de real. (LACAN, 1975-1976/2007, p.133).

Em sua reafirmação do real como impossível, Lacan acrescenta a ideia do real como ausência de lei. Essa formulação, enfatiza o registro do real, porém não deixa de considerar o registro simbólico, mais precisamente o furo por ele infligido no real.

A ideia de furo no real pode soar contrassenso, mas é na sua interação com o simbólico, registro móvel, em que cada símbolo assume diferentes posições sentidos e efeitos que o real se apresenta como oco. Assim, ainda subsiste neste período de ênfase do real a perspectiva do simbólico, pois o registro do real permanece sendo apreendido a partir dos efeitos de sua nomeação.

É interessante para a reflexão aqui conduzida sobre o impossível de dizer a formulação do real como aquilo que não cessa de não se inscrever. Essa ideia caracteriza o registro real como a dimensão do que se presentifica, repetidamente, porém não é absorvido pela trama simbólica. Novamente encontramos a ideia do real como resistente a simbolização, pois a inscrição do real implicaria diretamente na interrupção de sua presentificação. Em Lacan, inscrever-se significa ser simbolizado, processo que permite anular a presença de algo, incorporando-o em um sistema de representações no qual se relacionará com o sujeito a partir de então *in effigie*.

A identificação do impossível de dizer com o que não cessa de não se inscrever é a definição mais precisa que a teoria lacaniana pode fornecer sobre o indizível. Nela, há uma distinção mais nítida e determinada entre o não dito e o que não se pode dizer. Essa diferença se dá pela caracterização do indizível, que é definido como o efeito de impasse do dizer. Ou seja, o indizível se situa como o conjunto de aporias de um modo de expressão determinado, tal como a lógica matemática, a fala sintomática e o traumatismo. Para Lacan,

O real só se poderia inscrever por um impasse da formalização. Aí é que eu acreditei poder desenhar seu modelo a partir da formalização

matemática, no que ela é a elaboração mais avançada que nos tem sido dado produzir da significância. Essa formalização matemática da significância se faz ao contrário do sentido, eu quase ia dizer a *contrassenso*. (LACAN, 1972, 1973, p.125).

Nesse último modelo, temos o real positivamente classificado como impasse diante do qual a elaboração que o envolve assume o contorno de engodo. Tal modelo realiza o enlçamento entre os registros do real, simbólico e imaginário à medida que os dois últimos se enodam com o real como tentativa de sua nomeação e legislação, no caso do simbólico, e tentativa de recobrimento no caso do imaginário. Esse enlace, contudo, não obtura o aspecto faltante e vazado dos registros que demonstram o caráter fundamental da falta constitutiva do humano preconizada por Freud.

CONCLUSÃO

Este trabalho percorreu três fases do ensino de Lacan, tendo como objeto o indizível. A aquisição de um interesse determinado na consulta aos textos lacanianos, notadamente rico em dispersores, permitiu entrever a sistematicidade dos desenvolvimentos teóricos do autor e a perenidade de concepções centrais para seu ensino, como a teoria dos três registros e o real como impossível e limite da simbolização. Como saldo para a consideração do objeto, o indizível, encontrou-se uma inesperada convergência entre a caracterização conceitual do impossível de dizer e a especificação dos efeitos do registro real, resultado que sugere a hipótese de que o indizível corresponde a uma face do real.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. Psicanalista: Profissão impossível. *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.89-116, jul-2009.
- BOUSSEYROUX, M. Lacan borromeano: um balanço. *Livro Zero: Revista de psicanálise*, São Paulo, v. 1, n. 5, p.35-43, 2º semestre-2014.
- FARIA, M. Do significante da falta à falta de significante: A dimensão da causa no fundamento do desejo e do objeto na passagem do Seminário 8 ao Seminário 9. *Revista de Psicanálise Stylus*, São Paulo, n.31, p.63-70, out-2015.
- FREUD, S. *Totem e tabu*. São Paulo: Cia. Das letras, 2012
- LACAN, J. O Aturdido. In: JACQUES, Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LACAN, J. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

VANIER, Alain. *Lacan*. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

VITRAL, Lorenzo. A antinomia sincronia/diacronia: formulação, recepção e atualidade. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 53-94, 2010.

Artigo recebido em 14.09.2025 e aprovado em 21.10.2025.

Felipe Cordeiro Alves: Mestre em Psicologia pela UFMG na área de concentração de estudos psicanalíticos (2021). Envolvido em investigações sobre desinformação e filosofia nietzschiana. Membro do GRUPO NIETZSCHE (FAJE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1880-3461>. E-mail: felipepsi@live.com.

Endereço: Rua Madre Izabel Tejero, 280, bairro Mariana de Abreu. CEP: 31050-320.

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Dr. Marco Heleno Barreto / Dr. Daniel De Luca